

MULHERES CAMPONESAS E SUAS EXPERIÊNCIAS DE LAZER: UMA INVESTIGAÇÃO SITUACIONAL NO MUNICÍPIO DE JÓIA/RS¹

Cauana Peyrot Conceição², Tatiana Bonfada Trevisan³, Naira Leticia Giongo Mendes Pinheiro⁴, Maria Simone Vione Scwengber⁵, Rafaela Bernardi Andreatta⁶.

¹ Projeto de Pesquisa Mulheres rurais, cuidados de si e práticas de lazer

² Graduanda em Educação Física – Licenciatura – pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Unijuí –, bolsista CNPq, no Projeto Mulheres Rurais, Cuidados de Si e Práticas de Lazer – Chamada MCTI/CNPq/SPM-PR/MDA N° 32/2012. Email: cauanapc@hotmail.com

³ Graduanda em Educação Física – Licenciatura, graduanda em Educação Física – Bacharelado. Bolsista de Iniciação Científica – CNPQ, no projeto Mulheres rurais, cuidados de si e práticas de lazer - Chamada MCTI/CNPq/SPM-PR/MDA N° 32/2012. Email: tati_t88@yahoo.com.br

⁴ Graduada em História, bolsista de Desenvolvimento Técnico Industrial – CNPQ, no projeto Mulheres rurais, cuidados de si e práticas de lazer - Chamada MCTI/CNPq/SPM-PR/MDA N° 32/2012. Email: nairaleticiamendespinheiro@gmail.com

⁵ Doutora em Educação pela UFRGS, professora do Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Educação nas Ciências da Unijuí, coordenadora do projeto de pesquisa Mulheres rurais, cuidados de si e práticas de lazer - Chamada MCTI/CNPq/SPM-PR/MDA N° 32/2012. Email: simone@unijui.edu.br

⁶ Graduanda em Educação Física – Licenciatura – pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Unijuí –, bolsista CNPq, no Projeto Mulheres Rurais, Cuidados de Si e Práticas de Lazer – Chamada MCTI/CNPq/SPM-PR/MDA N° 32/2012. Email: rafaa.andreatta@hotmail.com

Introdução

Iniciamos nossa investigação a partir de um inquérito na direção de mapear as experiências de lazer de um grupo de mulheres camponesas. Aqui o termo mulheres camponesas é entendido como aquelas que trabalham com a agricultura familiar, no lar em ao envolto deste, numa área que compreende até 20 hectares cultivados para a subsistência.

Do conjunto das experiências de lazer que as 209 mulheres participantes da pesquisa realizam localizamos: os passeios, assistir televisão, ouvir rádio, ir à igreja, fazer viagens, fazer leituras, usar a internet, fazer artesanato, jogar bolãozinho e futebol. Enfatizamos, no entanto, dois pontos que apareceram com maior destaque: um que nomeamos rede de vizinhança e de parentesco (97,12%) e as festas comunitárias (61,24%).

Deste modo buscamos compreender, a partir das trajetórias destas mulheres camponesas, como elas constroem suas experiências e práticas acerca do tempo de lazer e das sociabilidades (possibilidades, limites, dilemas). De que modo elas utilizam o espaço rural para o lazer?

Metodologia

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XXII Seminário de Iniciação Científica

A pesquisa de campo dá-se na Região do Planalto das Missões do Estado do Rio Grande do Sul, especificamente na Região Noroeste, pertencente ao Território da Cidadania do Noroeste Colonial. Escolhemos realizar o estudo em Jóia (RS), uma vez que este foi um dos municípios brasileiros que teve o maior aumento na população rural nas últimas duas décadas, em consequência de seis assentamentos e dois reassentamentos da reforma agrária.

Utilizamos a tipologia de pesquisa de caráter qualitativo, na qual compomos uma entrevista em profundidade. As gravações foram transcritas e depois sistematizadas e examinadas pelo método de análise do discurso. Observamos a linguagem discursiva das entrevistas – depoimentos, falas – tomando-as como lugar de uma produção discursiva.

Optamos por entrevistar/levantar diretamente um perfil de mulheres de diferentes gerações – mulheres camponesas, com idade entre 16 a 76 anos. Inspiradas em Foucault (2010), consideramos a importância de localizar a distribuição dos diferentes sujeitos que falam nos diversos tipos de discurso e a apropriação destes. Vamos estudar, destacar e pontuar os sentidos que existem nos próprios discursos; percorrer os diversos procedimentos que os cerceiam; apreender seu domínio. O que interessa aqui são as experiências de lazer das mulheres: como se construíram, por quais estratégias, como se afirmaram. Nos termos foucaultianos, interessa discutir a vontade que as conduz e a intenção estratégica que sustenta as experiências de lazer.

Resultados e discussão

A REDE DE VIZINHANÇA COMO FORMA DE LAZER

De acordo com os dados da pesquisa, percebemos que o tempo da mulher em geral está atrelado à programação e à organização da vida de outras pessoas: filhos(as), cônjuges, netos(as), vizinhos(as), e com o envolvimento comunitário.

As mulheres têm o lazer voltado para a família e a rede de vizinhança, um ato que envolve o território do lar e da comunidade (pois é nesses ambientes que elas se reúnem). Estas descrevem ainda como atividades de lazer “o chimarrão em família, o brincar com os filhos, a conversa jogada fora ao final da tarde, o passeio na vizinha, o artesanato, as festas na comunidade, as jantares e o jogo de cartas”, é assim que Zenaide – 39 anos, Ana – 50 anos, Rosi – 41 anos, entre outras mulheres, nomeiam as suas práticas de lazer.

Aqui são os lares e os seus arredores que constituem a rede de vizinhança. É ainda nestes que ocorrem os “jantares, os jogos de cartas, o chimarrão à tardinha na sombra das árvores” (como relata a entrevistada Zenaide, de 39 anos). É nesse meio que a conversa íntima fica “guardada”, que a angústia se desfaz e a alegria é percebida em afazeres e atitudes minúsculas. É este vínculo afetivo, portanto, que une e faz com que o contato dessas mulheres se torne quase diário e como um modo de quebrar a rotina.

Entendemos o lazer, a partir de Elias e Dunning (1992), como aquelas atividades que oportunizam as pessoas experimentarem uma relação social de forma individual e coletiva. Há contatos sociais que produzem certo proveito entre essa vizinhança, nas trocas de palavras, de informações (rodas de

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XXII Seminário de Iniciação Científica

conversas), que dão a sensação de existir, de ser conhecido, reconhecido, apreciado, estimado. Os vizinhos se tornam, no meio rural, figuras mais do que importantes no convívio social.

É na sociabilidade construída cotidianamente que os diversos atores sociais (crianças, adolescentes, adultos) vivem e convivem com seus iguais, participando de várias atividades em conjunto, principalmente quando estas estão voltadas para o lazer, jogar uma “conversa fora”, um jogo de carta, trocar uma receita – desde comida, ao crochê, tricô. Percebemos que a vizinhança é uma das formas mais estreitas de sociabilidade. Na vizinhança se firmam modos de solidariedade e de lazer. É nos encontros com o vizinho que jovens e crianças brincam nos pátios; é na vizinhança que a conversa se estabelece, o que acaba por constituir relações diversas e possibilidades de encontros mais próximos e familiares.

Para Elias e Dunning (1992, p. 111), nas atividades, como nessa ida ao vizinho, há quebra da normalidade, da rotina, quando pode vir a ocorrer trocas, renovações e tensões, o que possibilita formas de configurações sociais. Segundo Elias e Dunning (1992), a ideia de quebra da normalidade percebida é indispensável para compreender o desenvolvimento de novas ações e reações dos sujeitos, de novas configurações e possibilidades sociais e culturais.

Assim, as mulheres camponesas pesquisadas constroem um espaço próprio, mínimo, para viver a dimensão do lazer; lugar que pode ser definido aqui como rede de vizinhança. Essa rede de vizinhança formada por essas mulheres é um contato quase que diário, como afirma Lurdes em sua narrativa:

O dia é longo, tem a casa, a lavoura e ainda a preocupação de mãe com os deveres escolares dos filhos, o marido pra tomar chimarrão, dar atenção (que é quando paramos). Quando o sol tá quente à tarde ou à tardinha saímos para tomar um mate na vizinha, pra dar uma passeada, distraída mesmo... (51 anos, grifos meus).

A convivência nesse campo de pesquisa nos possibilita afirmar essa rede de vizinhança – as relações. O convite para o chimarrão, para as jantas e almoços é encargo da mulher, o que se percebe na fala discursiva de Rosi:

Sim, eu acho importante fazer visitas, ter um contato, fizemos almoços juntos, muitas vezes é uma forma de se divertir, conversar. Sempre é eu, ou melhor, somos nós, as mulheres, mais uma amiga que marcamos, combinamos e as famílias vão junto (41 anos).

É a figura feminina, ou melhor, as mulheres, que movimentam os relacionamentos na estrutura social da comunidade. Percebe-se que são elas as responsáveis por manter as relações afetivas e sociais na comunidade, conservando a família dentro do meio social. Assim, elas cultivam mais relacionamentos, aproximando seu espaço (o lar).

MULHERES E O ENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO

As festas nas comunidades rurais de Jóia (RS), na grande maioria, obedecem ao calendário da Igreja Católica, da escola e são organizadas por membros da diretoria e do CPM. Poderíamos pensar que os tempos de trabalho de uns são os tempos de lazer de outros. Para este grupo, no entanto, parece que “ser os festeiros, ou as festeiras” é também uma espécie de viver o lazer.

Dumazedier (2001) afirma que o repouso que entendíamos muitas vezes como lazer foi substituído por uma diversidade de novas atividades (...), sobretudo na esfera das ações. Estratégias como o fortalecimento comunitário parece que volta e vitaliza-se criando níveis de confiança, cooperação e pertencimento. Assim, esse modo de lazer vai se constituindo em práticas pedagógicas diferenciadas por meio de aprendizagens, sociabilidades, convivência, partilha e cooperação. Estas ações comunitárias, nomeadas como de lazer, partilham experiências comuns. Elas perdem seus duros contornos para dar lugar ao espírito de pertencimento comunitário.

Na organização das festas aparece certa divisão dos papéis sociais ligados ao feminino e ao masculino. Os homens ficam responsáveis por providenciar a carne e assar o churrasco, a venda das “fichas” de almoço e de bebidas e a contabilização das despesas e lucros pós-festa. As mulheres reproduzem o espaço do lar: fazem pães e cucas, maionese, preparam saladas, fazem o arroz, os doces, organizam pratos e são responsáveis pela limpeza do salão; também se envolvem com o sorteio de prêmios, com as lembrancinhas e a organização da missa.

Estes dados se complementam na fala de uma das entrevistadas:

E a senhora trabalha na comunidade, em festas? Como meu marido é presidente agora, da diretoria, mulher participa junto. Me fala um pouquinho do que a senhora faz. É ajudar, porque quando a gente faz festa tem que, a mulher na cozinha, a gente lida na cozinha. De quanto em quanto tempo sai essas festas? Às vezes umas 2 ou 3 vezes por ano que a gente faz. E é festa ligada à igreja sempre? Não, tem bailes que é da comunidade que a gente também trabalha, que a gente trabalha na cozinha. Mas o seu trabalho é sempre na cozinha? É. E no caso quando tem missa a senhora ajuda a organizar também? É (ZENILDA, 39 anos).

A cultura local interfere nas práticas dos grupos sociais, sendo, muitas vezes, a manutenção de raízes histórico-culturais, ou seja, algo que é passado de geração em geração, uma tradição cultivada. Esta realidade se faz ainda muito presente, e parece que mais forte no meio rural, como se pode perceber na fala da entrevistada. O espaço público é ocupado pelos homens, enquanto as mulheres ficam no espaço privado como o do lar; isso é a força da tradição e dos valores culturais da sociedade.

As festas são espaços de lazer que mantêm a memória social e a tradição. Essa relação se confirma nas palavras de Braga (2001):

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XXII Seminário de Iniciação Científica

O passado não existe por si mesmo. Toda nossa vida se produz no presente; é no presente que “apostamos nossas fichas”, vivenciamos sonhos, medos, alegrias e tristezas. Mas o presente só faz sentido porque tem um suporte em acontecimentos, impressões, sensações e entendimentos anteriores, em referências pessoais, profissionais e pragmáticas do passado que é evidenciado pela memória. É a memória a força motriz do presente, é nela que existe a fonte propulsora da construção da vida de cada um e da nossa relação com a sociedade (p. 19).

Cultivar estas tradições das festas é um movimento realizado pelas pessoas para, de certa forma, manter uma memória coletiva e local na qual a oralidade e os próprios registros de documentos e fotos são instrumentos que permitem que seja perpetuado.

A festa é uma repetição e ao mesmo tempo um evento único que marca a história da comunidade e a continuidade desse grupo. Existe a vontade de fazer a festa, o investimento, a recordação, as lembranças que ficam na memória das pessoas e são dados recorrentes nas conversas entre parentes e vizinhos.

Não podemos negar que o trabalho realizado nas festas comunitárias seja o lazer de homens e mulheres, quando, por intermédio das atividades que realizam, também se divertem e quebram a rotina. É frequentando estas festas que muitas pessoas se conhecem, tornam-se amigos(as) e fortalecem as velhas amizades; é quando jovens e adultos namoram, casam, vão morar junto ali mesmo na própria comunidade ou em outras.

Conclusões

O lazer no meio rural ganha novos significados quando atividades sociais são incorporadas à rotina das pessoas, sobretudo das mulheres. Este grupo de mulheres introduz em suas rotinas atividades de distração, divertimento, recuperação de energias. Como escreve Marcellino (2000), no entanto, além da distração e do divertimento, o lazer oportuniza o desenvolvimento social e pessoal. Podemos dizer que a rede de vizinhança e a festa são oportunidades privilegiadas, porque possibilitam o contato social de criação e fortalecimento de laços, uma rede de sociabilidade, de aprendizagens, um modo de reforço das memórias coletiva de reviver a tradição.

Estas duas experiências – a rede de vizinhança e as festas comunitárias – relacionam-se e, de certa forma, se complementam no meio rural estudado. Os vizinhos se encontram nas festas e estas viram assunto nas rodas de chimarrão e nas visitas. Assim, a vida se alimenta e continua. Deste modo, as mulheres, público-alvo de nossa pesquisa, inserem-se nesse ambiente das práticas de lazer na medida em que percebem nos espaços da rede de vizinhança e das festas a oportunidade de criação e fortalecimento de laços.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XXII Seminário de Iniciação Científica

BRAGA, Emanuel Oliveira. Memória, patrimônio e cidadania. In: Educação patrimonial: orientações ao professor. 2 imp. João Pessoa: Superintendência do Iphan na Paraíba, 2011. 65 p. (Caderno temático; 1).

DUMAZEDIER, Joffre. Lazer e cultura popular. São Paulo: Perspectiva, 2001.

ELIAS, N.; DUNNING, E. A busca da excitação. Lisboa: Difel, 1992. p. 111.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. São Paulo: Ed. Loyola, 2010.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. Estudos do lazer: uma introdução. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2000.